

EDITORIAL

O presente número de Estudos Bíblicos contempla algumas reflexões sobre o tema “Em Espírito e Verdade”. Por trás de cada artigo existe muita dedicação da parte do(a) articulista. Cada um(a), do seu jeito, procura enfocar alguns aspectos que iluminam e aprofundam o tema proposto. Certamente o leitor ou a leitora também tem seu jeito próprio de acolher o conteúdo aqui oferecido e confrontá-lo com seus conhecimentos e suas experiências no caminho da Leitura Popular da Bíblia. Nada é conclusivo. Tudo está em aberto. Nosso desejo é de contribuir neste grande mutirão em prol do estabelecimento do Reino de Justiça e de Paz no mundo, a partir da Palavra contida na Vida e na Bíblia. Vejamos, em síntese, o que aqui podemos encontrar.

No primeiro artigo, *Luiz José Dietrich* levanta sérios questionamentos sobre as interpretações exclusivistas feitas ao longo da história do cristianismo justificadas em expressões que se encontram no Evangelho de João. Busca na Bíblia os principais momentos históricos em que o sistema religioso oficial impõe sua ideologia, dominando as demais expressões religiosas, traindo as raízes ecumênicas que deram origem ao Povo de Israel. Contextualiza as comunidades joaninas que, mesmo perseguidas pelos sistemas religiosos oficiais – judaico e romano –, elaboram e seguem outra concepção teológica, sintetizada na afirmação de Jesus quando, em sua conversa com a mulher samaritana, refere-se à adoração a Deus “em Espírito e Verdade”. Isto, para a comunidade joanina, significa a prática do amor. Dietrich afirma que Jesus revelou que “Deus não é um conjunto de leis, Deus não é um conjunto de rituais, Deus não é uma igreja, Deus não é nem sequer uma religião: Deus é amor”. Eis a Boa Notícia a ser resgatada em nossos tempos. Ela se constitui no “caminho, verdade e vida”, capaz de restabelecer a unidade entre religiões e povos. Para isso faz-se necessário – como expressa o subtítulo do artigo – “descolonizar a Bíblia e o Cristianismo”.

“Em Espírito e Verdade” é também o título do artigo de *Luís Stadelmann*. Lembra que a revelação divina vem ao encontro dos seres humanos mediante acontecimentos históricos relacionados ao Povo de Deus, relatados nas religiões bíblicas. Salienta a diferença fundamental entre estas religiões e as não bíblicas no processo de busca do conhecimento de Deus. Para uma melhor compreensão do conteúdo do diálogo de Jesus com a Samaritana (Jo 4), o autor esclarece como se deu o processo de formação da Bíblia dos Samaritanos e o que a diferencia da Bíblia dos Judeus. A partir daí, entende-se o sentido de expressões colocadas na boca de Jesus referindo-se aos samaritanos: “Vós adorais o (Deus) que não conheceis” e “a salvação vem dos judeus”. Stadelmann afirma: “Pode-se chegar a Deus por qualquer caminho, pois a iniciativa é do próprio Deus de vir ao nosso encontro... A presença divina não é genérica... mas trata-se de sua presença atuante orientando a vontade, o intelecto, as afeições e os sentimentos. Quem se dispõe a acolher-se à presença divina estará em condições de nele fi-

carem impregnadas todas as dimensões conscientes e inconscientes, instintivas e volitivas, racionais e afetivas”.

Ney Brasil Pereira disserta sobre a “Inspiração e Verdade na Bíblia”, focalizando especialmente dois livros que não se encontram na lista dos inspirados nas bíblias judaica e protestante: Sirácida e Sabedoria. O autor nos ajuda a entender os conceitos de “inspiração” e de “inerrância” da Bíblia e de como detectar a “verdade da salvação” sem cair no “livre exame” ou no relativismo. Situa os dois livros no contexto histórico em que foram escritos e, de forma condensada, expõe os seus conteúdos. Ney Brasil chama à atenção ao grande problema e, ao mesmo tempo, o grande mérito, de um estudo sobre a “Inspiração e Verdade” que é o próprio texto bíblico. É necessário discernir de que texto se trata e de qual texto é inspirado? A interpretação dos textos bíblicos, porém, não pode restringir-se aos especialistas. “Deve-se alegrar em ver a Bíblia tomada por mãos de gente humilde, dos pobres, que podem trazer à sua interpretação e à sua atualização luz mais penetrante do ponto de vista espiritual e existencial do que aquela que vem de uma ciência segura dela mesma”.

Silvia Togneri faz um estudo comparativo entre os pedidos feitos por duas mulheres: o da siro-fenícia (Mc 7,24-30) e o de Maria, a mãe de Jesus (Jo 2,1-11). Ressalta o protagonismo das mulheres-mães que, impulsionadas pelo Espírito da Verdade, vencem os preconceitos socioreligiosos e provocam a ação de Jesus em favor das pessoas necessitadas. Segundo a autora, os pequeninos, representados pela mulher siro-fenícia, Maria e os serventes nas bodas de Caná, são coautores com Jesus no processo de transformação da sociedade. Conclui dizendo que “a atitude das duas mulheres e dos serventes nos incentiva à adesão a Jesus, em total confiança e a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance: agir unidos, não calar a nossa voz e reivindicar com insistência em favor do direito à vida digna de todas as pessoas”.

Osmar Debatin, aprofundando “a compreensão da verdade no Quarto Evangelho”, procura levantar algumas hipóteses acerca dos motivos históricos e religiosos que levaram o autor do Evangelho de João a insistir no tema da “verdade”. Estreitamente ligada à doutrina do “logos”, a verdade na comunidade joanina ultrapassa as concepções filosóficas da época e assume a fé em Jesus como a “verdade que liberta”. Osmar ressalta que “a verdade equivale à revelação; se relaciona diretamente com a missão temporal de Jesus, à sua palavra e ao dom do Espírito”. Constitui-se num caminho pelo qual pode andar o ser humano, como processo de libertação da mentira e de tudo o que impede a verdadeira liberdade e a plena realização. Decorre daí uma das tarefas fundamentais das comunidades cristãs de hoje: atualizar a “verdade”, vivenciando a proposta de Jesus Cristo, conforme fizeram as comunidades primitivas.

Nesta mesma linha situa-se o artigo de *Ademir Rubini*. A inspiração bíblica não pode ser entendida como inspiração verbal, negando o contexto histórico e cultural de onde surgiu o texto. Deus revela-se nos acontecimentos e os escritos bíblicos são testemunhos de vivências reveladoras. Para compreender o texto como “Palavra de Deus”, o receptor precisa estar inspirado. Um texto, por si só, não diz nada. Para comunicar algo é necessário que haja uma interpretação do mesmo. “Essa tarefa hermenêutica

deve respeitar o texto enquanto tal, aproximando-se do mundo do seu autor, da sua intenção original, do seu processo de elaboração para evitar interpretações arbitrárias”. A vida é o maior critério para a interpretação bíblica. Daí entende-se o motivo pelo qual o autor pinçou de 2Cor 3,6 o título para o seu estudo: “A letra mata, mas o Espírito comunica a vida”. E explica: “O Espírito não pode ser aprisionado entre as letras dos escritos bíblicos. Estes são meios de comunicação que remetem a Deus, à sua presença ativamente orientadora, presença que se projeta para o futuro, passando pelo ontem e pelo hoje”.

Refletindo sobre “o diálogo de Jesus com a Samaritana”, *Orides Bernardino*, após fazer uma rápida memória da origem do povo samaritano, procura interpretar alguns aspectos do relato do encontro de Jesus com a mulher samaritana (Jo 4,1-43), como: a relação conflituosa entre judeus e samaritanos; a questão dos “cinco maridos” referenciados por Jesus à samaritana; a proposta da “água viva” oferecida por Jesus; a concepção messiânica questionada no texto, desembocando na proposta de “adoração em espírito e verdade” acolhida por aquela mulher que se torna discípula e anunciadora desta Boa Notícia. Orides manifesta a preocupação de realizar uma leitura do texto que possibilite o reconhecimento de Deus por todos os povos e culturas. Enfatiza que “a novidade de Jesus ultrapassa as fronteiras geográficas. A questão agora não é mais onde adorar a Deus e sim como adorar a Deus”.

Celso Loraschi reflete sobre o significado do “novo nascimento”, um dos temas centrais do Evangelho de João, tratado especialmente na narrativa do encontro de Nicodemos com Jesus (Jo 3,1-21). O autor indica – seguindo a trajetória espiritual de Nicodemos – a necessidade de livrar-se dos esquemas legalistas para seguir a verdade que liberta: “é preciso nascer de novo”. As comunidades do Discípulo Amado levantam uma proposta alternativa à Lei que oprime e exclui, imposta pelo sistema do Templo de Jerusalém: elas seguem a Jesus de Nazaré, “o caminho, a verdade e a vida”. A mesma liberdade no Espírito que moveu Jesus em sua missão permanece como vocação dentro de cada um de nós. “Seremos capazes de dar um novo rumo que garanta vida e futuro para os habitantes de todas as nações pelas quais Jesus entregou sua vida. Mas, para isso, é necessário esvaziar a mente antiga, desarmar as estratégias de defesas corporativas e dispor-se ao diálogo permanente e sincero”.

Finalmente, *Ney Brasil Pereira* nos apresenta uma revisão sobre a “Bíblia Sagrada Almeida Século XXI”. É a nova tradução da Bíblia Almeida que foi lançada há pouco tempo. Ney a considera “um lançamento extraordinário”. Ressalta as três marcas essenciais que os especialistas levaram em conta neste empreendimento: “tradição, exatidão e fluência”. Percebe muitos outros aspectos relevantes nesta nova versão. Porém, segundo Ney Brasil, o “calcanhar de Aquiles” reside nas introduções a cada livro bíblico. Analisa-as atentamente e oferece valiosas sugestões.

Boa leitura!

Luiz José Dietrich e Celso Loraschi

